

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS NO PIBID:
DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE EM SALAS INCLUSIVAS**

Glória Maria de Alcantara Pereira
Universidade Federal do Cariri
Glorii.alc12@gmail.com

Bruno Henrique Martins Da Silva
Universidade Federal do Cariri
bruno.henrique@aluno.ufca.edu.br

Ana Carmita Bezerra de Souza
Universidade Federal do Cariri
ana-carmita.souza@ufca.edu.br

Ana Cleide Batista Ferreira
Universidade Federal do Cariri
Acleidebf@gmail.com

Introdução

Nas últimas décadas, a educação de pessoas surdas no Brasil avançou bastante, principalmente com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial por meio da Lei nº 10.436/2002. Mesmo assim, o que está previsto na teoria nem sempre acontece na prática nas escolas. Hoje, o maior desafio é garantir que o aluno surdo realmente aprenda em salas comuns, onde muitas vezes ele é o único estudante surdo entre vários alunos ouvintes.

Nesse cenário, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) torna-se muito importante, pois possibilita que estudantes de licenciatura tenham contato direto com a realidade das escolas públicas, contribuindo para a sua formação inicial docente. Ao participar do subprojeto de Educação Bilíngue de Surdos, voltado para o ensino que utiliza a Libras como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua (L2), pudemos vivenciar na prática como esse modelo de ensino funciona, indo além da teoria.

Este texto tem como objetivo relatar e refletir sobre experiências vivenciadas ao longo de dez meses de atuação no PIBID, a partir de recortes de aulas e intervenções pedagógicas realizadas. Apresentamos algumas situações que evidenciam as dificuldades enfrentadas, as estratégias que criamos e os resultados observados nesse processo. Com isso, buscamos contribuir para a discussão de práticas que não apenas incluam o aluno surdo, mas que também valorizem sua língua e garantam que ele aprenda com autonomia.

Desenvolvimento: a prática em sala de aula

A experiência foi desenvolvida na Escola Gov. Adauto bezerra, com a turma do 3º ano do ensino médio, ao longo de aproximadamente dez meses, por meio das ações do PIBID. A turma

era composta, em sua maioria, por alunos ouvintes, contando com apenas um aluno surdo, o que exigiu de nós atenção e planejamento para garantir sua participação nas aulas.

No início, realizamos um período de observação para entender como funcionava a rotina da escola e como acontecia a interação entre o aluno surdo, os professores, os colegas e a gestão. Percebemos que havia pouca comunicação com esse aluno, que muitas vezes ficava mais isolado, já que os professores não sabiam Libras e a maioria dos alunos também não. A partir disso, começamos a pensar em estratégias que pudessem melhorar essa situação quando iniciássemos nossas intervenções.

Quando começamos a atuar, desenvolvemos uma oficina de Libras básica, trabalhando conteúdos como sinais do dia a dia, comunicação em sala de aula e noções simples de conversação. Para isso, utilizamos metodologias visuais, com brincadeiras, dinâmicas e atividades interativas, buscando facilitar a aprendizagem do aluno surdo e, ao mesmo tempo, tornar as aulas mais interessantes para toda a turma.

No início das intervenções, quando não havia intérprete, utilizamos o bimodalismo, ou seja, falávamos e sinalizávamos ao mesmo tempo. Porém, na prática, percebemos que isso deixava a aula cansativa e dividia a atenção dos alunos, o que dificultava a compreensão. Com o tempo, entendemos que essa não era a melhor estratégia e passamos a utilizar diretamente a Libras, o que melhorou bastante a comunicação com o aluno surdo e aumentou o interesse da turma. Além disso, quando percebíamos que faltavam alguns sinais no vocabulário do aluno, passávamos a trabalhar esses sinais em sala, ajudando não só ele, mas também os colegas a aprenderem juntos.

Outro ponto importante foi perceber, na prática, que o planejamento precisava ser flexível. Muitas vezes, alguns alunos saíam para aulas de reforço no mesmo horário das nossas atividades, o que gerava conflitos. Também aconteciam mudanças de horário que nos obrigavam a adaptar a aula na hora. Por isso, aprendemos que era necessário ajustar constantemente o planejamento, de acordo com a realidade da escola.

Ao longo desse processo, percebemos avanços na participação do aluno surdo e no interesse dos demais alunos pela Libras. Assim, as atividades desenvolvidas contribuíram não só para a aprendizagem, mas também para a construção de um ambiente mais inclusivo.

Referencial teórico

Nossas escolhas de ensino não foram feitas por acaso. Elas se basearam em ideias de estudiosos que acreditam no potencial dos alunos. Por exemplo, o uso de jogos e atividades mais divertidas tem relação com a ideia de reforço positivo de B. F. Skinner (2003): quando o aluno recebe retorno imediato e aprende de forma leve, ele se sente mais motivado a participar.

Além disso, seguimos a proposta de educação de Paulo Freire (1987), que defende que o aprendizado acontece por meio do diálogo. Ou seja, o aluno não é apenas alguém que recebe informações, mas alguém que constrói o conhecimento junto com o professor. Por isso, valorizamos o que os alunos já sabiam e respeitamos o tempo de aprendizagem de cada um, tentando fugir daquele ensino mais rígido e tradicional.

No caso da educação de surdos, nosso trabalho foi baseado nas ideias de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp (2004, 1997). Elas defendem a educação bilíngue, em que a Libras é a primeira língua (L1) e o Português é a segunda (L2). Isso orientou nossas práticas, desde a criação de materiais visuais até a decisão de usar a Libras como principal língua de ensino, garantindo que o aluno surdo tivesse melhor acesso ao conteúdo.

Metodologia e discussão dos resultados

A nossa metodologia buscou unir teoria e prática de forma mais dinâmica. Organizamos as aulas em dois momentos: primeiro uma explicação do conteúdo (em Libras e Português) e depois uma parte prática para reforçar o que foi aprendido. Nessa segunda parte, usamos jogos e atividades educativas para ajudar na memorização e deixar a aula mais interessante.

As atividades em grupo foram muito importantes, pois ajudaram na interação entre os alunos ouvintes e o aluno surdo. Nessas atividades, todos precisavam colaborar, o que favoreceu a troca de conhecimentos. Um exemplo que funcionou bem foram os ditados bilíngues: os alunos ouvintes precisavam entender a Libras para escrever em Português, enquanto o aluno surdo trabalhava a compreensão dos sinais para melhorar sua escrita. Assim, todos aprendiam juntos.

Também mudamos a forma de trabalhar as tarefas. Como percebemos que as atividades de casa quase não eram feitas, passamos a realizá-las em sala. Isso permitiu dar mais apoio aos alunos, respeitando o ritmo de cada um e evitando frustrações.

Mesmo com desafios como o pouco tempo e as interrupções na rotina escolar, os resultados foram positivos: os alunos participaram mais das aulas e a comunicação entre o aluno surdo e os ouvintes começou a melhorar.

Considerações finais

Os dez meses de PIBID nos mostraram, na prática, que inclusão não é só colocar o aluno na sala de aula. Vai muito além disso. Estar em uma turma com alunos ouvintes e um aluno surdo nos fez entender que a participação ativa desse aluno depende de um planejamento que valorize sua língua, vendo essa diferença como algo positivo, e não como uma dificuldade.

Percebemos que a melhor forma de ensinar foi juntar metodologias mais interativas, o uso da Libras como principal língua de ensino e o cuidado com a timidez dos alunos. Essa combinação ajudou a melhorar o aprendizado e a participação de todos.

Também aprendemos que o professor precisa ser flexível e saber se adaptar às situações do dia a dia da escola, sem perder o foco no objetivo de ensinar. Mais do que tudo, é preciso pensar estratégias que realmente incluam o aluno e garantam sua aprendizagem.

Por fim, entendemos que a educação bilíngue inclusiva ainda está em construção. Mais do que ensinar conteúdos, nosso objetivo foi criar um ambiente onde todos, alunos ouvintes e o aluno surdo, pudessem se comunicar e aprender juntos.

O PIBID foi muito importante nesse processo, pois ajudou na nossa formação como futuros professores e reforçou o nosso compromisso com uma escola que realmente seja para todos.

Referências

- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
KARNOPP, Lodenir Becker. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
SKINNER, B. F. Ciência e comportamento humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003.